

JUVENTUDE INDÍGENA E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS: PERCEPÇÕES E REFLEXÕES INICIAIS DOS JOVENS DA COMUNIDADE TERRA PRETA/MANAUS - AM

INDIGENOUS YOUTH AND CLIMATE CHANGE: INITIAL PERCEPTIONS AND REFLECTIONS OF YOUNG PEOPLE FROM THE TERRA PRETA COMMUNITY/MANAUS - AM

Glenda Barbosa da Costa¹
Lindomar de Jesus de Sousa Silva²
Alessandro Carvalho dos santos³

Área Temática: Meio ambiente, Mudanças climáticas e Sustentabilidade
Modalidade: Artigo Científico

Resumo

Esta pesquisa investiga o papel da juventude indígena da comunidade Terra Preta (etnia Baré e outras quatro etnias) na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Rio Negro (AM) em junho de 2024, frente às mudanças climáticas. Localizada a 80 km de Manaus, a comunidade enfrenta impactos diretos dessas mudanças, como secas extremas, queimadas e isolamento, afetando sua subsistência, mobilidade e saúde. Foi realizado um levantamento com 10 jovens da comunidade, entre 14 e 22 anos, que tem como objetivo analisar o nível de conhecimento dos jovens indígenas sobre mudanças climáticas e fortalecer o protagonismo da juventude indígena no debate climático, tratando sobre questões climáticas e como eles enxergam as mudanças no ambiente ao seu redor, sendo eles parte de uma geração que nasceu na época de severas estiagens (seca dos rios) e mudanças no clima. A juventude indígena demonstra uma compreensão avançada das mudanças climáticas, combinando observações locais com engajamento global. Sua participação é essencial para políticas climáticas justas e sustentáveis, reforçando a necessidade de inclusão em espaços de decisão. O estudo sugere que suas percepções podem orientar estratégias de adaptação e mitigação, integrando saberes tradicionais e ciência contemporânea.

Palavras-chave: Comunidade; Juventude; Indígenas; Mudanças Climáticas.

Abstract

This research investigates the role of indigenous youth from the Terra Preta community (Baré ethnic group and four other ethnic groups) in the Rio Negro Sustainable Development Reserve (RDS) (AM) in June 2024, in the face of climate change. Located 80 km from Manaus, the community faces direct impacts from these changes, such as extreme droughts, fires and isolation, affecting their livelihoods, mobility and health. A survey was conducted with 10 young people from the community, between 14 and 22 years old, with the aim of analyzing the level of knowledge of indigenous youth about climate change and strengthening the protagonism of indigenous youth in the climate debate, addressing

¹ Embrapa Amazônia Ocidental; costaglenda900@gmail.com

² Embrapa Amazônia Ocidental; lindomar.j.silva@embrapa.br

³ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/ UFRGS); e-mail: Alessandrocarvalho1999@gmail.com

climate issues and how they see changes in the environment around them, as they are part of a generation that was born in times of severe droughts (dry rivers) and climate change. Indigenous youth demonstrate an advanced understanding of climate change, combining local observations with global engagement. Their participation is essential for fair and sustainable climate policies, reinforcing the need for inclusion in decision-making spaces. The study suggests that their perceptions can guide adaptation and mitigation strategies, integrating traditional knowledge and contemporary science.

Key words: Community; Youth; Indigenous; Climate Change.

1. Introdução

A juventude indígena é herdeira de um vasto, ancestral, profundo e valioso conhecimento tradicional, espiritual e prático sobre como viver de forma equilibrada, sustentável e integrada em harmonia com a natureza. Essa herança pode ser fundamental para mitigar os efeitos das mudanças climáticas, fomentar práticas sustentáveis e indicar formas resilientes de convivência com seus impactos.

Jovens lideranças indígenas participam de conferências internacionais, como a COP (Conferência das Partes da ONU), pressionando por políticas climáticas que incluam os direitos indígenas. Exemplos como a ativista Txai Suruí (Brasil), que discursou na COP 26, mostram a crescente visibilidade da juventude indígena no cenário global (IPCC, 2022).

Em muitas culturas indígenas, o respeito pela terra e pelos recursos naturais é fundamental, e práticas como a agroecologia, o uso sustentável dos recursos e a preservação da biodiversidade são passadas de geração em geração (Toledo, *et al.*, 2003).

Os povos indígenas são desproporcionalmente afetados pelas mudanças climáticas devido à sua estreita relação com a natureza. Secas prolongadas, inundações, perda de biodiversidade e alterações nos ciclos agrícolas ameaçam seus modos de vida (IPCC, 2022). Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2021), cerca de 80% da biodiversidade remanescente no planeta está sob gestão indígena, o que evidencia a importância desses povos na mitigação climática.

Entre os segmentos que mais sofrem com os impactos das mudanças climáticas está a juventude. Segundo dados do portal Gente da Globo (2024), os jovens brasileiros que hoje iniciam a vida adulta foram adolescentes durante a pandemia da Covid-19 e ainda serão jovens em 2030, ano-chave para o cumprimento das metas climáticas globais. O estudo revela que “07 em cada 10 jovens de 18 a 24 anos compreendem a gravidade das mudanças

climáticas e do aquecimento global, assim como todo o país”, sendo que, para 60% deles, as enchentes representam o principal símbolo das mudanças no clima (Gente da Globo, 2024).

O Centro Brasil no Clima (CBC, 2024) tem alertado que os espaços formais de negociação, como a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima (UNFCCC), ainda ocorrem sem a participação efetiva e representativa da juventude. Segundo a organização, muitas dessas decisões são tomadas por pessoas que “não vão sofrer as principais consequências das mudanças climáticas, seja porque têm uma idade avançada [...] ou porque pertencem a classes sociais muito mais abastadas e já estão preparadas para lidar com essas mudanças” (CBC, 2024).

Ainda conforme o CBC (2024), o conceito de justiça climática é fundamental, pois reconhece que, enquanto alguns sofrem muito, outros sofrem bem menos. Dessa forma, reforça-se que a participação da juventude – especialmente aquela em situação de maior vulnerabilidade – é essencial, visto que são esses jovens os que mais sofrerão com os impactos futuros.

O objetivo deste estudo é iniciar uma reflexão e compreender o nível de conhecimento que os jovens indígenas possuem sobre temáticas como as mudanças climáticas e assuntos correlatos, considerando que este grupo social está entre os mais expostos aos impactos ambientais. Pretende-se, com isso, disponibilizar informações que possam subsidiar ações das comunidades indígenas e fortalecer o protagonismo da juventude nesse debate.

Nesse sentido, destaca-se a fala da jovem indígena Taily Terena (2024), ao afirmar: “A gente está vendo vários movimentos sociais não indígenas se organizando, mas, no meu entender, a gente é como uma flecha, enquanto humanidade. Só que os povos indígenas, a juventude indígena está na ponta da flecha”. Ela complementa dizendo: “os jovens indígenas precisam liderar esse processo, pois nós, nossas comunidades, já vêm sendo afetadas há muitos anos por conta das mudanças climáticas” (Terena, 2024).

O presente texto, portanto, apresenta uma reflexão preliminar de uma pesquisa mais ampla, que será realizada em diversas comunidades indígenas do estado do Amazonas. Com o propósito de alcançar seus objetivos, optou-se pela realização de uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa. Conforme observam Lösch, Rambo e Ferreira (2023, p. 3), essa perspectiva de análise busca “conhecer o fenômeno estudado tal como ele se apresenta ou

acontece no contexto em que está inserido”, com ênfase na qualidade, o que permite ampliar a compreensão das relações, comportamentos e outros aspectos humanos em seus contextos.

Ainda segundo os autores, a pesquisa exploratória possibilita ao pesquisador contemplar os dados qualitativos de forma sistêmica, com uma compreensão ou interpretação detalhada do fenômeno analisado. Dessa forma, buscamos compreender a percepção dos jovens indígenas sobre as mudanças climáticas, ampliando o entendimento sobre o tema e reunindo elementos cada vez mais consistentes para o debate de soluções e estratégias de mitigação e convivência com os efeitos que se tornam progressivamente mais presentes nas comunidades.

Os resultados indicam a participação da juventude indígena em redes e fóruns de interação local, regional, nacional e internacional, o que tem se consolidado como um espaço importante de diálogo, troca de informações e compartilhamento de vivências sobre temáticas em foco. Observa-se, também, uma experiência cada vez mais intensa dos efeitos das mudanças climáticas no cotidiano, com impactos diretos na produção de alimentos, no artesanato, na saúde — especialmente devido ao aumento das queimadas — e na mobilidade das populações. Além disso, os efeitos climáticos afetam a articulação e a comunicação entre as comunidades e a sociedade em geral, uma vez que as secas prolongadas têm isolado jovens e suas famílias por meses, dificultando o acesso a recursos e serviços essenciais.

2. Metodologia

Como forma de alcançar os objetivos desta pesquisa, adotamos a abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa exploratória como orientação metodológica no percurso de coleta, sistematização e análise dos dados.

A literatura reforça que a pesquisa qualitativa ocupa um "reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes" (Godoy, 1995, p. 21). Para Godoy (1995), a pesquisa qualitativa permite captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Já Fonseca (2002) destaca que a pesquisa quantitativa, por sua vez, gera resultados que podem

ser quantificados. Chizzotti (2003, p. 222) compreende a pesquisa qualitativa como "a investigação dos fenômenos humanos, sempre saturados de razão, liberdade e vontade", caracterizada por atribuir significados às coisas e às pessoas nas interações sociais, as quais podem ser descritas e analisadas sem a necessidade de quantificações estatísticas.

No que se refere à pesquisa exploratória, Raupp e Beuren (2006, p. 80) afirmam que esse tipo de estudo é indicado "quando há pouco conhecimento sobre a temática a ser abordada". Assim, a pesquisa exploratória possibilita um aprofundamento do entendimento sobre o tema investigado – nesse caso, a percepção dos jovens indígenas acerca das mudanças climáticas.

Portanto, a estratégia metodológica adotada neste estudo é a abordagem qualitativa, que serve de base para a condução da pesquisa exploratória. Dessa forma, foi possível realizar um estudo que contempla os dados qualitativos de maneira sistêmica, possibilitando uma compreensão e interpretação detalhada do fenômeno analisado (Lösch, Rambo e Ferreira, 2023, p. 3).

O lócus da pesquisa foi a comunidade indígena Terra Preta, localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Rio Negro, na margem norte do rio, a aproximadamente 80 quilômetros de Manaus (AM), com acesso por cerca de cinco horas de barco. A comunidade é composta, predominantemente, por indígenas da etnia Baré, originários da cidade de São Gabriel da Cachoeira, no alto rio Negro. No entanto, também vivem na comunidade parentes de outras quatro etnias: Werenka, Tukano, Baniwa e Juripako.

De orientação evangélica, a comunidade conta atualmente com infraestrutura básica, incluindo energia elétrica, água encanada e um posto de saúde. A escola local oferece ensino em português e na língua nheengatu. A população da comunidade é de aproximadamente 230 pessoas.

Figura 1 – Localização da comunidade Terra Preta, rio Negro, AM



Fonte: Turismo em territórios indígenas: desenvolvimento e impacto sociocultural na Comunidade Indígena Nova Esperança “Pisasú Sarusawa” (Rio Cuieiras - Amazonas). Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo, 2021.

Os levantamentos de informações foram realizados em junho de 2024, com 10 jovens da comunidade com idades entre 14 e 22 anos, sendo nove mulheres e um homem. Para isso, utilizou-se um questionário semiestruturado como instrumento de coleta de dados, o que possibilitou reunir informações sobre a percepção dos jovens em relação às mudanças climáticas. Os questionários foram respondidos durante oficinas, o que possibilitou a realização de diálogos e o registro de depoimentos e percepções sobre as mudanças climáticas entre os jovens presentes na oficina. Os dados foram sistematizados com base na estatística descritiva e apresentados em forma de tabelas, com o objetivo de facilitar a compreensão tanto pela comunidade, quanto pelos leitores das informações geradas com a pesquisa.

3. Resultados/Discussões

Com base na Tabela 1, que buscou compreender a percepção dos jovens sobre a “consciência climática”, percebemos que 100% dos participantes da oficina reconhecem a

existência das mudanças climáticas, o que indica uma certa disseminação do debate, seja em rodas de conversas no dia a dia na comunidade, como em participação em espaço de diálogo coletivo, ou em fóruns, redes e encontros que abordam a temática. Na mesma tabela, observamos que 86% das respostas atribuem as alterações climáticas diretamente às atividades humanas, principalmente às práticas e atividades econômicas, como a mineração e a extração de madeira, assim como ao avanço do modo de vida urbano, marcado, segundo os jovens, pela “redução das árvores e aumento do asfalto e dos carros” movidos a combustíveis fósseis. Nesse sentido, os jovens evidenciam haver um conjunto de informações que pode ser a base para uma compreensão maior dos impactos das ações antrópicas na mudança do clima global, a partir do olhar e reflexões das atividades, em grande maioria realizada de forma ilegal, que estão constantemente ameaçando seus territórios.

Com base nas duas respostas sistematizadas na tabela 1, é possível concluir que os jovens da comunidade Terra Preta possuem um grau de conscientização com forte alinhamento com os debates e conclusões presentes nos debates científicos, acadêmicos e sociais relacionados às mudanças climáticas. Essa base de conhecimento indica um ambiente favorável para os incentivos e fortalecimento de ações organizativas, socioeconômicas e políticas de conteúdo sustentáveis e de práticas do bem viver.

As respostas também reforçam a compreensão de que os povos indígenas, guardiões de saberes ancestrais sobre a natureza, identificam as mudanças climáticas como resultado direto da ação humana. Essa visão é construída a partir de suas observações cotidianas, diálogos, trocas e buscas por informações, tanto entre indígenas quanto não indígenas, assim como por meio das redes sociais e dos meios de comunicação tradicionais. Também se fundamentam na relação de aprendizagem entre anciãos e jovens, com a transmissão de conhecimentos tradicionais entre as gerações. Como expressa Davi Kopenawa Yanomami (2015), “os brancos cortam a floresta e depois se surpreendem com o fogo e a seca”.

Tabela 1 - Consciência Climática (%)

	Percepção
Reconhecem as mudanças climáticas como realidade	100%
Acreditam na crise climática devido à ação humana	86%

Fonte: Elaboração do próprio autor, 2025.

A juventude indígena tem demonstrado uma percepção aguçada sobre as mudanças climáticas, reconhecendo tanto seus impactos na comunidade quanto em sua dimensão global. Essa compreensão holística surge da vivência direta com as transformações ambientais em seus territórios, combinada com o acesso a informações sobre os efeitos dos eventos climáticos ocorridos e divulgados em meios de comunicação.

Na **tabela 2**, os dados revelam que a juventude indígena associa as mudanças climáticas a impactos locais e globais: 62,5% percebem que o aumento da temperatura afeta diretamente a agricultura e a temperatura das águas; 12,5% em cheias em cidades, citando o que eles acompanham em notícias de outros estados, como as cheias no Rio Grande do Sul, os alagamentos no estado do Pará e no próprio Amazonas, com o fenômeno das terras caídas, que afeta as comunidades ribeirinhas; a questão do desmatamento aparece com 25% das menções dos jovens na oficina. A preocupação com o desmatamento está diretamente relacionada à compreensão de que a floresta é essencial para a manutenção dos recursos essenciais à vida na comunidade.

Tabela 2 - O que pensa quando escuta o tema mudanças climáticas? (%)

	Percepção
Aumento de Temperatura	62,5 %
Cheias em Cidades	12,5%
Desmatamento das Florestas	25,0%

Fonte: Elaboração do próprio autor, 2025.

Na tabela 3, observa-se que a mudança mais impactante na comunidade terra preta observada nos últimos cinco anos é a mudança na temperatura. Aspecto que coaduna com as informações do IPCC (2022), que no relatório *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability*, a Amazônia já registrou um aumento médio de 1,5°C na temperatura em comparação com níveis pré-industriais, com variações regionais ainda mais acentuadas. Esse aquecimento tem impactos diretos em comunidades tradicionais e indígenas, como destacado por Nobre *et al.* (2021) no estudo “Amazônia sob pressão: clima, biodiversidade e povos”. Em consonância com isso, 100% sentiram as secas dos rios mais severas a cada ano, a estiagem na Amazônia tem se intensificado nas últimas décadas, com redução drástica na vazão de rios, lagos e igarapés.

Esse fenômeno, relatado por comunidades indígenas e confirmado por dados científicos, está ligado a mudanças climáticas, desmatamento e alterações no ciclo hidrológico (IPCC, 2022; Marengo *et al.*, 2024).

As relações entre mudanças climáticas e saúde foram abordadas na oficina por meio dos relatos dos participantes. Nesse contexto, 90,9% mencionaram o aumento dos casos de epidemias e doenças respiratórias, reforçando estudos como o realizado por Gomes, Lima e Brasil (2024). Em consonância com os relatos dos jovens, destaca-se a Nota Técnica nº 047/2024, do Comitê de Enfrentamento à Estiagem do Amazonas, que apresenta orientações para mitigar os impactos da fumaça na saúde da população. As recomendações incluem atenção especial a sintomas como tosse seca, falta de ar, irritação nos olhos, nariz ou garganta, coriza, dor de cabeça, cansaço e dermatites. A nota também ressalta a importância de considerar que esses sintomas podem estar associados à poluição atmosférica provocada pela fumaça das queimadas.

Nas oficinas, a partir das respostas e comentários dos jovens, torna-se evidente que as mudanças climáticas se materializam no aumento das temperaturas e na alteração dos padrões de chuva, criando condições ideais para incêndios mais intensos e de grandes proporções em áreas florestais do Amazonas. Esses eventos foram vivenciados em 2024 pela comunidade Terra Preta e por comunidades vizinhas, resultando em problemas de saúde e perdas na produção agrícola. A fumaça das queimadas, carregada de partículas finas (PM2.5), espalha-se por vastas áreas e penetra profundamente no sistema respiratório humano. Para as comunidades indígenas, cujo modo de vida está tradicionalmente ligado ao ambiente florestal, a exposição a esses poluentes é particularmente intensa e prolongada (Barcellos *et al.*, 2020).

Tabela 3 - Mudanças observadas na Comunidade nos últimos 05 anos (%)

	Percepção
Mudança na Temperatura	100 %
Seca dos Rios/Estiagem	100%
Epidemias/Doenças Respiratórias	90,9%

Fonte: Elaboração do próprio autor, 2025.

Nas reflexões dos jovens, as queimadas, além de causarem perdas no âmbito produtivo e de afetarem o acesso a alimentos, matérias-primas para o artesanato e diversos outros produtos utilizados no cotidiano indígena, também provocam um hiato na transmissão de saberes tradicionais. Isso ocorre porque as queimadas suprimem espécies de plantas, madeiras

e animais que são fundamentais no dia a dia da comunidade e, por meio do uso prático desses elementos, o conhecimento é repassado às novas gerações.

4. Considerações Finais ou Conclusão

As conclusões da pesquisa evidenciam que a juventude indígena está longe de ser passiva ou alheia às mudanças climáticas. Ela demonstra possuir um conjunto consistente de informações, construído a partir de conteúdos acessados por meio dos meios de comunicação, da observação atenta e da vivência direta dos efeitos dos eventos climáticos em suas comunidades. O desafio é canalizar a energia da juventude para espaços de construção de políticas públicas de mitigação, enfrentamento e convivência com os efeitos das mudanças climáticas, transformando hashtags em leis, e preocupações em planos, projetos e estratégia de ação. Como lembra Ailton Krenak (2019, p. 48-50), “adiar o fim do mundo” exige mais que denúncias – exige reinventar futuros. O presente estudo, realizado na comunidade Terra Preta, evidencia que os jovens indígenas possuem um conhecimento amplo sobre o processo de mudanças climáticas que vêm ocorrendo no mundo. Esse saber tem sido especialmente facilitado pelo aumento da interação com o mundo exterior, vivência comunitária, intercâmbios com parentes indígenas e não indígenas, acesso a informações através dos meios de comunicação.

Outro aspecto que contribui significativamente para ampliar a compreensão e a preocupação com as mudanças climáticas são os eventos extremos vivenciados nos últimos anos, especialmente as secas. Esses eventos afetam diretamente o extrativismo florestal – essencial para a alimentação e a produção de artesanato –, além de impactarem a mobilidade e provocarem o isolamento de comunidades, como relatado pelos jovens durante a oficina. A seca intensa também tem contribuído para o aumento das queimadas na unidade e no entorno da comunidade, o que acarreta efeitos diretos sobre a saúde dos indígenas locais – aspectos mencionados pelos jovens com base na observação e vivência dos eventos de estiagem em suas comunidades.

Esses jovens já fazem sua parte ao manter viva a chama da resistência. Cabe ao resto do mundo escutá-los – e seguir seu exemplo. Os resultados demonstram que esses jovens se veem como agentes de transformação, defensores dos conhecimentos ancestrais e, ao mesmo

tempo, detentores de habilidades para manejar e utilizar ferramentas digitais, mobilizando suas comunidades e influenciando práticas sustentáveis. No entanto, persistem desafios estruturais, como a exclusão de suas vozes nas políticas climáticas e a pressão crescente de atividades extrativistas sobre seus territórios.

A pesquisa também evidenciou a importância dos meios de comunicação, dos diálogos comunitários e extracomunitários – com lideranças indígenas e não indígenas – como fontes de informação e mobilização. Esses processos indicam um diálogo fecundo entre gerações, abordando temas que aprofundam tanto a reflexão sobre a ancestralidade quanto as questões contemporâneas.

Portanto, a pesquisa aponta para a necessidade de reforçar políticas públicas e ações de mobilização, formação e organização que ampliem o protagonismo indígena, integrando seus conhecimentos e práticas a estratégias globais de mitigação e adaptação às mudanças climáticas.

5. Referências Bibliográficas

BARCELLOS, C. *et al.* Fumaça das queimadas e interações por doenças respiratórias na Amazônia. *The Lancet Planetary Health*, v. 4, 2020.

CENTRO BRASIL NO CLIMA (CBC). Juventude e Justiça Climática: Por que os jovens precisam ser ouvidos. 2024. **CENTRO BRASIL NO CLIMA**. Disponível em: <https://centrobrasilnoclima.org>. Acesso em: 06 abr. 2025.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, v.16, nº 2, p. 221-236. 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37416210>. Acesso em: 04 abr. 2025.

CARNEIRO DA CUNHA, M. **Cultura com aspas**. São Paulo: Ubu, 2020.

DEFESA CIVIL DO AMAZONAS. *Comitê de Enfrentamento à Estiagem apresenta orientações para amenizar o impacto da fumaça na saúde da população*. **DEFESA CIVIL**. Manaus, 19 set. 2024. Disponível em: <https://www.defesacivil.am.gov.br/comite-de-enfrentamento-a-estiagem-apresenta-orientacoes-para-amenizar-o-impacto-da-fumaca-na-saude-da-populacao>. Acesso em: 28 maio 2025.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GLOBO GENTE. A relação dos jovens com as mudanças climáticas. **GLOBO GENTE**, Rio de Janeiro, 20 jun. 2024. Disponível em: <https://gente.globo.com/infografico-a-relacao-dos-jovens-com-as-mudancas-climaticas/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 21-25, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 de maio de 2025.

IPCC, Intergovernmental Panel On Climate Change. **Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability**. Berlim, 2022. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. de L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Iberoamericana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023141, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riace.v18i00.17958>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958/17250>. Acesso em: 30 mar. 2025

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, P. 48-50.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Cia. das Letras.

MARENGO, J. A. et al. Long-term variability, extremes and changes in temperature and hydrometeorology in the Amazon region: A review. **Acta Amazônica**, v. 54, n. spe1, p. e54es22098, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aa/a/twpxgJTGHnKhjvqnmtsW8Pv/?lang=en>. Acesso em: 05 abr. 2025.

ONU. State of the World's Indigenous Peoples.: Rights to Lands, Territories and Resources. ONU. 2021. Disponível em: <https://www.un-ilibrary.org/content/books/9789210054881>. Acesso em: 06 de abr. 2025.

RAUPP, F. M., & BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às Ciências Sociais. In I. M. Beuren (Ed.), **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade: Teoria e Prática** (3ed., pp. 76-97). São Paulo: Atlas. 2006.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

TERENA, Taily. Jovem ativista Taily Terena diz que juventude indígena é “a ponta da flecha” na luta climática. **ONU News**, 2024. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/04/1830981>. Acesso em: 06 abr. 2025.

